



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA

LAIANO AUGUSTINHO BARBOSA

**O ENSINO E A MEMÓRIA DOS PROFESSORES DE
HISTÓRIA DE REMÍGIO NOS ANOS 1985 – 2018**

CAMPINA GRANDE

2019

LAIANO AUGUSTINHO BARBOSA

**O ENSINO E A MEMÓRIA DOS PROFESSORES DE
HISTÓRIA DE REMÍGIO NOS ANOS 1985 – 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza artigo Científico, apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Dr. Flávio Carreiro de Santana

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238e Barbosa, Laiano Augustinho.
O ensino e a memória dos professores de história de Remígio nos anos 1985 – 2018 [manuscrito] / Laiano Augustinho Barbosa. - 2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Memória Docente. 2. História Oral. 3. Educação em Remígio. 4. História da educação. I. Título
21. ed. CDD 370

LAIANO AUGUSTINHO BARBOSA

**O ENSINO E A MEMÓRIA DOS PROFESSORES DE
HISTÓRIA DE REMÍGIO NOS ANOS 1985 – 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza Artigo científico, apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Dr. Flávio Carreiro de Santana

Aprovada em: 19/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr.-Flávio Carreiro de Santana (Orientador)
(UEPB/CEDUC/DH)


Prof.ª Dr.ª Wanderleia Farias Santos
(UEPB/CEDUC/DE)


Prof.ª Hilmária Xavier Silva
(UEPB/CEDUC/DH)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
<i>A História Oral vivida e escrita.....</i>	<i>05</i>
<i>A formação do magistério e a prática escolar na disciplina de História.....</i>	<i>08</i>
<i>O curso de História e suas metas no início de carreira.....</i>	<i>12</i>
<i>A relação dos professores com a nova legislação e tecnologia da Educação.....</i>	<i>15</i>
<i>As dificuldades entre o professor, o aluno e o sistema de ensino.....</i>	<i>19</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
Referências Bibliográficas.....	22

Linha de pesquisa: **Ensino de História**

O ENSINO E A MEMÓRIA DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA DE REMÍGIO NOS ANOS 1985 – 2018

RESUMO

Este artigo trabalha a memória docente de quatro professores do município de Remígio trazendo suas realizações e dificuldades enfrentadas na sala de aula, as mudanças na lei da educação e os sistemas de ensino. Toda experiência repassada como fonte oral, onde pode ser percebida através de cada entrevista concedida. Uma dinâmica comparativa entre o passado e o presente onde o sujeito mantém viva a memória que o fez compreender sua profissão e seus obstáculos vivenciados com muito amor e prazer ao que faz.

Palavras – Chave: Memória Docente; História Oral; Educação em Remígio.

ABSTRACT

This article works the teaching memory of four teachers of the municipality of Remígio bringing their achievements and difficulties faced in the classroom, changes in the law of education and the education systems. Every experience passed on as an oral source, where it can be perceived through each interview granted. A comparative dynamic between the past and the present where the subject keeps alive the memory that made him understand his profession and his obstacles experienced with much love and pleasure to what he does.

Key words: Teaching Memory; Oral History; Education in Remígio.

INTRODUÇÃO

Esse artigo analisa a memória dos professores de história do município de Remígio, local onde resido e estudei toda a educação básica. Foram quatro professores que participaram da entrevista, o professor Roberval e as professoras Alécia, Rilma e Penha. Utilizando a fonte oral podemos trazer para o artigo toda a trajetória desses professores. Ainda na década de 1980, como desejaram ingressar no curso de História, como percorreram a vida acadêmica, as mudanças de lei e a prática em sala de aula, fazendo essa comparação entre o passado e o presente.

Fui aluno da professora Alécia, uma excelente professora, me interessei pela disciplina através da sua metodologia, existiam as dinâmicas, os teatros e uma aula leve, de fácil compreensão. Quando se usa a história oral, se consegue muito mais do que a história, percebemos o olhar dos entrevistados e os gestos em falar de determinados assuntos, isso

proporciona uma visão diferente e lembranças que são demonstradas através do olhar de cada um. A fonte oral tem sido muito utilizada para dar voz aos grupos minoritários da sociedade, a alguns setores marginalizados, a grupos que tem visto na oralidade uma forma de deixar registradas suas histórias. Ao reconstruir o passado, através da História Oral, criam-se alternativas de se fazer história, antes realizada apenas com as fontes escritas. Esses turnos que antes não se faziam ouvir, hoje nos possibilitam conhecer determinadas questões sob diferentes pontos de vistas. Frente ao exposto, penso que a história oral é significativa na rememoração e construção de um tempo passado, tendo em vista que:

A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista (THOMPSON, 1992, p. 25-26).

De acordo com o autor supracitado, a metodologia da história oral possibilita construir um passado através do tempo presente e sob a voz e o olhar de várias pessoas, permitindo conhecer várias versões de uma determinada história, abrindo novos caminhos para investigar o passado. Nesse sentido, considere os estudos descritos nos manuais de história oral acerca de como proceder metodologicamente, preparando-me para a realização das entrevistas. Realizei as entrevistas com os quatro professores, a maioria com gravação de aproximadamente 35 minutos. O trabalho segue argumentando sobre a construção da disciplina de história no Brasil e relatando o diálogo entre os professores sobre a memória docente em Remígio.

A História Oral vivida e escrita

Quando nos referimos à história de algo, devemos prestar atenção em qual tipo de história estamos nos referindo, pois, podemos dividi-la em vivida ou escrita. A história vivida seria aquela em que todas as pessoas participam, onde toda a sua trajetória de vida forma uma “história” que pode ser contada. Essa forma de contar a história revela a fonte oral, em que o historiador consegue extrair informações que auxiliam na construção do passado. Já a escrita, seria o resultado do trabalho do historiador, onde a partir de suas escolhas ele decide aquilo que teria importância para ser transformado em um fato histórico. Essa divisão se mostra muito importante para que possamos nos situar com que tipo de relato histórico estamos lidando.

A partir de meados do século XVIII, a escrita da história começou a ganhar ares de importância com o início das formações dos Estados Nacionais no continente europeu, e assim se tornava necessária a criação de uma “história oficial da nação”. Com isso, a forma escolhida para se escrever essas histórias foi através dos “grandes heróis”, dos conquistadores, dos grandes reis. Como relata Nadai *apud* Schmidt. (1986, p. 106):

O século XIX acrescentou paralelamente aos grandes movimentos que ocorreram visando construir os Estados Nacionais sob hegemonia burguesa, a necessidade de retornarem-se ao passado, com o objetivo de identificar a “base comum” formadora da Nacionalidade. Daí os conceitos tão caros às histórias nacionais: Nação, Pátria, Nacionalidade, Cidadania.

Dessa forma, grande parte da população desses países ficou de fora da história “oficial”, que estava sendo escrita. Essa maneira de “fazer” a história ficou conhecida pela corrente histórica nominada Escola Metódica, que tratou de transformar a História numa ciência positiva, retirando o seu caráter filosófico e buscando o máximo de exatidão possível no trabalho do historiador com as fontes que passaram a ter um papel fundamental na escrita da história naquele período.

No início do século XIX, ainda com o positivismo e diante do início do marxismo onde a luta de classes se faz presente, os ignorados começam a ter sua história contada e vista para construir a história a partir de uma versão que antes não existia. Os grandes heróis e os grandes acontecimentos (tipo a Revolução francesa) passam a conviver com os conflitos sociais e as desigualdades que estiveram presentes na história ao longo dos séculos, mas que eram ignorados por aqueles que pretendiam “fabricar” a história da sua nação. E assim, a partir daí esses indivíduos que também deram a sua contribuição para a formação de seus países começaram a ter o seu devido lugar na História.

São diversas as formas de fontes existentes, e elas podem oferecer diversos elementos para a construção de uma história, mas nem todas têm qualidade e assim cabe ao historiador criticá-las e elencar a sua importância para a historiografia. Como o seu trabalho é feito a partir de vestígios deixados pelo tempo, então a forma de extrair esses fatos será de suma importância para a escrita da História, logo, esses fatos devem ser o resultado dos diálogos existentes entre os documentos (fontes) e quem está o estudando (historiador).

Percebemos que apenas ao citar um fato não quer dizer que isso seja a verdade absoluta, pois, diferente dos ficcionistas, o trabalho do historiador depende de fontes, e assim é considerável colocar as referências das fontes que foram trabalhadas. Interpretar e analisar suas fontes dentro das possibilidades que são impostas. O trabalho com história oral vem

sendo muito utilizado pelas ciências humanas, destacando-se uma grande variedade de temas que permitem utilizar a oralidade como documento histórico. Apesar de muito criticada, a história oral destaca-se, por ser, também, uma possibilidade de investigar o passado e de construir e reconstruir a história, principalmente de indivíduos ou grupos que não foram visualizados pela historiografia tradicional. Desta forma:

Atualmente, a história oral já se constitui em parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Por isso, a história oral hoje é parte inerente dos debates sobre tendências da historiografia contemporânea ou da história do tempo presente. Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como “história viva” (MEIHY, 2005, p. 19).

A história oral busca construir um passado que não está somente nos documentos oficiais, e, sendo uma “história viva”, ela dá continuidade a momentos históricos, constituindo-se em um passado presente na vida dos indivíduos. Dessa forma, a pesquisa configura-se no campo da Nova História Cultural, fazendo opção por trabalhar com a História Oral Temática, entendendo que a mesma se adequa a esse tipo de pesquisa, uma vez que, documentos escritos oficiais, nem sempre contam a história das pessoas comuns. Quando falamos sobre o trabalho de criticar as fontes ser uma tarefa fácil, que pode ser realizada por qualquer pessoa, analisamos que não é dessa maneira, pois, criticar é uma tarefa muito complexa, um processo de questionamento e interpretação que se desenvolve a partir do exercício da leitura de diversas fontes.

Para esse exercício, se faz necessário um conhecimento de fontes semelhantes, leituras de outros trabalhos sobre o mesmo assunto e a capacidade de descobrir as possibilidades existentes no documento. E todo esse processo é uma das principais diferenças entre o trabalho feito por um que tem uma base acadêmica para isso e aquele feito por amadores.

Toda essa produção de conhecimento histórico está ligada ao olhar que o historiador usa sobre os fatos ocorridos. Portanto, para afirmar sobre determinada história é necessário possuir um contexto e uma base de leitura naquilo que se busca para assim conseguir a interpretação que possa ser discutida de maneira sólida. Para Jacques Le Goff, em seu livro *História e Memória* (2012), o campo da memória é marcado por uma série de teorias e conceitos, que a define como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (p. 405).

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...] (p. 455).

Quando essas memórias ocorrem no espaço escolar, elas se constituem em memória social, pois são justamente nesses espaços que se encontram as representações e relevância de objetos guardados pelo entrevistado, como o rosto dos alunos e as diversas situações encontradas no ambiente escolar. A memória pode ser entendida como a capacidade de lembrar e trazer à tona imagens do passado, marcadas por ressignificações de experiências e diálogo com o tempo. “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1990, p. 411).

Trabalhar com a memória é refazer uma visita ao tempo passado, lembrar acontecimentos que marcaram determinada época e que na maioria das vezes estão esquecidos. A memória é entendida como uma ressignificação de lembranças do passado, marcada por experiências individuais e coletivas.

Uma das principais dificuldades que os historiadores encontram ao trabalharem com a História é sem dúvidas encontrar uma verdade sobre o conhecimento do passado, verdade essa que sempre é cobrada por aqueles que criticam o ofício dos historiadores. Pois, para alguns desses críticos, “contar” a História não passa de um tipo de jogo que é jogado em favor das necessidades daqueles que a escrevem. Mas, essa questão é muito complexa e fruto de vários debates entorno desse tema. Vale a pena lembrar as diferenças daquilo que seriam as ciências naturais e as humanas: a primeira seria aquela que explica os acontecimentos, enquanto a outra procura compreender os homens e as suas ações. Dessa forma a História, sendo uma ciência humana, lidaria com conhecimentos que são frutos da compreensão humana.

A formação do magistério e a prática escolar na disciplina de História

O ensino de História no Brasil surge em meados do século XIX, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, onde sua missão era o estabelecimento do ensino secundário ao lado do Colégio Pedro II que iria difundir a educação escolar. Como relata Nadai *apud* Schmidt, 1992, p.(146).

Num primeiro momento ensinou-se a História da Europa Ocidental, apresentada como a verdadeira história da civilização. A história pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo ocupando um papel extremamente secundário. Relegada aos anos finais do ginásio, com número ínfimos de aula, sem uma estrutura

própria, consistia em um repositório de biografias de homens ilustres, de datas e batalhas.

A formação do ensino no período do Império no campo escolar da história mesmo tendo a colonização portuguesa, a ação da igreja católica deixando em ênfase a figura de heróis e a própria monarquia, a partir de 1860, com a divulgação de compêndios de lições da história do Brasil, através da figura do professor Joaquim Manuel de Macedo como professor do Colégio Pedro II inova em relação aos procedimentos sobre o ensino de História onde culmina no ensino escolar no Brasil ainda no período imperial.

Ao final do século XIX na Europa e nos Estados Unidos surge um movimento chamado de escolanovismo, onde sua pretensão era renovar o ensino da educação escolar tradicional defendendo uma escola laica e pública. No Brasil, esse movimento inicia-se nos anos de 1920- 1930, onde através de autores como Rocha Pombo e Jonathas Serrano, a estrutura e os métodos de compreender a história ganharia uma maior visibilidade, sendo utilizada até a reforma, ocorrida em 1931, pelo então ministro da educação e da saúde pública Francisco Campos durante o governo Vargas. Campos unificou e centralizou programas escolares colocando o estudo da história associado à educação política. Além disso, a sua reforma tratava de manter uma abordagem voltada para acontecimentos na história do Brasil e da América sendo chamada de história das civilizações. Ainda nesse período é dada a missão ao colégio Pedro II para elaborar novos programas escolares.

Com a implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas, o ministro da educação, Gustavo Capanema, com o apoio do IHGB e um bom número de professores, confirma a disciplina de História como sendo autônoma, deixando em evidência o nacionalismo que estava em ascensão naquele período, tal como assegura CAIMI (2009, p. 102):

“Em pleno acordo com o nacionalismo vigente na época, a História do Brasil foi então confirmada como disciplina autônoma, tendo por principal objetivo a formação moral, cívicas e patrióticas das crianças e jovens brasileiras”.

Mesmo com essa autonomia a disciplina de história e seu ensino não conseguem se afastar do ensino proposto pelo Estado Novo, onde o valor a pátria e ao nacionalismo é superior a qualquer ato que seja contrário a esse governo patriótico, sendo esse discurso ainda mais influente na sala de aula. Entre os anos de 1950 e 1960 surge a profissionalização do corpo docente que se efetiva após a criação em 1934, estabelecendo um elo entre pesquisa e ensino. Ainda neste período, em 1951, o Colégio Pedro II recupera as prerrogativas em formular os próprios programas curriculares, apresentando manifestações em relação ao meio

social. Em toda república o ensino de História atravessa períodos de conquistas e ao mesmo tempo retrocessos devido ao grande patriotismo.

No período republicano, a incorporação da concepção de que a disciplina de história tinha a responsabilidade de formar os cidadãos ganha força, como demonstram as diretrizes de da lei de Educação de 1931 e 1961, bem como os programas que passaram a ser utilizados nas escolas. Os principais conteúdos de história do Brasil tinham como objetivo a constituição e a formação da nacionalidade, com seus heróis e marcos históricos, sendo a pátria o principal personagem desse tipo de ensino. Segundo (HOLANDA, E MATTOS *apud* Schmidt, 2009, (p.12).

Apesar do grande desafio e ao mesmo tempo conquista vivida, é justamente no período do regime militar, que a educação em geral procura se manter erguida para não ser sucumbida completamente. A forma de ensino que já era de modo tradicional, onde o aluno estudava pautado em datas e heróis, agora com a ditadura passa a ter um ensino tecnicista, que surge nos Estados Unidos por volta de 1950. Esse método de ensino chega ao Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, inspiradas em teorias behavioristas, onde o aluno estuda para ser inserido no mercado industrial e tecnológico da época. O aluno neste período é influenciado a ser o melhor naquilo que faz, repetindo na sua formação as técnicas que utilizaria no seu trabalho, aprendendo de forma clara sua profissão.

Mas ao mesmo tempo não poderia pensar em sair daquele posto de trabalho ou fazer críticas daquele modelo de trabalho, deveria ser aquele operário fiel ao seu cargo, para seu empregador continuar satisfeito e o governo manter a mão de obra que tanto lhe traz prazer, pois dessa forma a economia do país aumentava sem a necessidade do ensino superior e muito menos de conteúdos, que para o regime serviria apenas para causar tumulto na sociedade que estaria satisfeita com seu país.

O professor passa a lecionar apenas o conteúdo necessário para que o aluno seja inserido no mercado de trabalho, pois o mesmo não necessita compreender outras concepções reflexivas e críticas, mantendo uma base de ensino destinada ao capitalismo. Neste período o professor e o aluno não possuem contato direto, pois a missão de cada um era compreender o conteúdo destinado a formar uma pessoa para trabalhar como uma máquina que não necessitava analisar o ambiente vivido, porém precisava compreender a profissão que iria exercer para manter seu desempenho.

Dentre inúmeras medidas que, com maior ou menor nitidez, afetaram os caminhos da história escolar, citamos a institucionalização da escola secundária profissionalizante, que praticamente eliminou a formação geral dos currículos, com sensível prejuízo às ciências humanas (...). (CAIMI 2008, p. 102).

Esse ensino profissionalizante busca aumentar o mercado de trabalho, deixando claro o interesse na mão de obra, a produção é o produto essencial, assim é necessário evoluir

nesse aspecto o sistema educacional. Porém o prejuízo ao ensino escolar perde sua autonomia, principalmente na introdução do currículo, proposto para enfatizar a crítica do aluno. As ciências humanas são as mais prejudicadas, pois é justamente nesse ponto que a sociedade não precisa estudar, pois faz parte de algo que não os leva para o mercado de trabalho.

Além disso, a substituição das disciplinas de história e geografia por Estudos Sociais no então 1º grau e a redução da carga horária no 2º grau para apenas uma série, a obrigatoriedade da licenciatura revela a intenção em manter o mínimo de aprendizagem dessas disciplinas, principalmente em história, mantendo a educação moral e cívica como seu ponto principal de ensino. A educação superior passa a ser realizada em cerca de três anos para as disciplinas de História, Geografia, Sociologia, Política e Economia, proporcionando uma licenciatura concluída as pressas para não deixar espaços para a crítica e reflexão vivida por essas disciplinas, pois, sua ideologia de ensino e aprendizagem poderia ir contra os valores da sociedade segundo o próprio regime.

(...) essas e outras medidas foram instituídas após o golpe militar na ótica da Doutrina de Segurança Nacional, que funcionou (pretensamente) como mecanismo para controlar e reprimir as opiniões e os pensamentos dos cidadãos, de forma a eliminar toda e qualquer possibilidade de resistência ao regime autoritário. CAIMI, 2008. apud FONSECA, 1993. p.(25).

Com essas mudanças sobre as disciplinas, o ensino de História se torna o principal alvo com políticas e diretrizes educacionais modificadas intencionalmente, se mantendo como refém do poder do Estado durante o regime, assim como foi feito no Estado Novo (1937 – 1945). Mesmo diante das dificuldades, o que mais estava sendo prejudicial aos estudantes e a sociedade deste período era a junção de importantes disciplinas como História, Geografia e Sociologia que faziam parte da corrente reflexiva e crítica, trazendo a história de maneira diferente do que era praticamente imposto pelo regime.

A união das disciplinas de História e Geografia em “Estudos Sociais” formava um padrão que agradava ao governo, pois garantia o cumprimento dos deveres cívicos dos cidadãos e a demonstração de que o cidadão deveria compreender os fatos históricos do seu país. Na memória da população, esses grandes homens seriam intocáveis quanto a questionamentos, entretanto tratava-se de um ensino que não explorava a crítica e muitos menos a reflexão de seus alunos para que não se deslocassem do seu objetivo, que era os transformar em pessoas capacitadas para uma empresa, trabalhando como máquinas sem abrir diálogos com seu empregador, sem possuir direito trabalhista e muito menos espaço para criticar o próprio governo em exercício.

Ainda neste período inicia-se a trajetória de nossos professores, os quais ainda eram alunos no município de Remígio. O interesse em ser professor, as escolhas e problemas enfrentados durante seu curso. Essas memórias são vistas a partir das entrevistas que foram realizadas na maioria em seus locais de trabalho, foram muito educados e responderam ao questionário com total atenção.

O curso de História e suas metas no início de carreira.

O interesse pelo curso de História foi muito semelhante, pois os entrevistados tiveram professores que os influenciaram. A professora Rilma demonstra sua identificação com o curso: *“Eu escolhi o curso de História por que desde o começo me identificava com o curso, tive excelentes professores. Estudava nessa escola, José Bronzeado Sobrinho (JBS), meu professor era Benjamin, que depois foi o vice-reitor da UEPB”*¹. Logo, percebemos que o aluno se espelha na figura do professor, isso demonstra que o professor reflete alguém muito importante para o aluno.

O professor Roberval revela outros motivos para ingressar no curso:

Eu participava do grupo de jovens da paróquia central e também de um grupo chamado ACER (Associação Cultural dos Estudantes de Remígio), teve movimento no bairro São Judas Tadeu com pessoas que foram expulsas das terras, a partir dessa realidade eu comecei a me interessar pelo curso história².

O professor Roberval se interessa pelo curso de uma forma diferente da professora Rilma, mostrando a desigualdade social. A curiosidade da disciplina proporciona esse interesse em conhecer o passado, buscar informações que nos despertam ao longo da trajetória escolar. A professora Alécia Barros, por sua vez, é um exemplo de que a curiosidade e a leitura sem a interferência do professor a trouxe para o curso de história: *“Sempre fui muito ligada à história e geografia, por curiosidade, na adolescência eu já lia, mesmo sem ter aquela pressão da escola, uma questão pessoal”*³. A influência em sala de aula é sem dúvida uma das principais causas de adesão aos cursos que os alunos se inspiram ao iniciar sua carreira acadêmica, além disso, quando temos pais ou parentes que são professores esse desejo pode aumentar como relata a professora Penha Fidélis: *“Cresci ajudando minha mãe que era professora e queria continuar como professora de história. Tive problemas, mas consegui*

¹ Entrevista realizada no dia 14 de abril de 2019

² Entrevista realizada no dia 28 de abril de 2019

³ Entrevista realizada no dia 30 de março de 2019

concluir o curso em história e geografia”⁴. A professora Penha deixa evidente que mesmo ainda não sendo professora, ajudava a mãe na sala de aula. Percebemos que neste período que os filhos dos professores tinham o acesso a sala de aula e ainda ajudavam na educação de outros.

Analisando as universidades na qual iriam iniciar o curso, houve um interesse maior pela Universidade federal de Campina Grande (UFCG), como a professora Rilma Suely analisa as linhas de pensamento e a liberdade em seguir sua própria vertente:

Os referenciais teóricos eram diversos, mas tinham três linhas principais, uns eram positivistas, os mais antigos, com textos na vertente econômica, outro grupo na versão marxista e tinha um grupo vinculado à nova história cultural francesa, a história do cotidiano, não possuía uma única corrente, os professores nos deixavam a vontade. Meu curso foi em 1984 até 1989.

A professora Rilma conclui seu curso em 1989, revelando a imparcialidade nas correntes a ser seguidas dentro da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O período de curso da professora Rilma foi posterior ao curso do professor Roberval que analisa momentos que seus professores da universidade chegaram a esconder livros por causa da repressão da ditadura militar. Mesmo assim não deixou de concluir o curso: *“Entrei em uma universidade particular, que foi em Guarabira e dessa universidade particular de Guarabira consegui uma vaga na UFPB, hoje é UFCG. Transferi para Campina Grande, aonde terminei o curso de licenciatura, e o curso bacharelado”*.

A realidade neste período demonstra a fragilidade ainda devido a repressão militar. O professor Roberval mesmo com essas dificuldades consegue transferir seu curso e concluir a licenciatura e o bacharelado em História pela (UFCG), que na época era a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A professora Alécia Barros, que conseguiu se formar na UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), exalta o ensino oferecido pela mesma. Analisa o seu trabalho dentro da universidade, onde conseguiu alcançar grandes objetivos e ainda poderia crescer dentro da universidade.

No início eu queria a UFCG, para farmácia, mas me identifiquei com a UEPB, às pessoas falavam mal, pois acreditavam que as universidades federais teriam uma qualidade melhor. Mas é uma grande instituição, teve um quadro docente muito preparado, eles eram imparciais, alguns já trabalhavam de forma diferente da metodologia utilizada na época, tive oportunidades dentro da universidade, viajando, fui bolsista até o final do curso, tinha como crescer dentro da própria instituição, pois ela oferecia esse ponto.

⁴ Entrevista realizada no dia 14 de abril de 2019

Mesmo tendo como primeira opção o curso de farmácia, onde as referências a este curso seriam boas na (UFCG), a professora Alécia revela um interesse na área de humanas ainda na adolescência, quando conseguiu passar no vestibular para curso de história na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ela resolveu ingressar no curso da UEPB.

Após término do curso, surge à sala de aula, o início de carreira onde o estudante agora necessita por em prática todo seu aprendizado da universidade. As dificuldades encontradas no início revelam Porém, alguns começam a lecionar ainda no decorrer do curso, surgem oportunidades como contratados em prefeituras ou até mesmo substituir professores.

A partir desse ponto sabemos que o professor realmente inicia sua profissão em meio a adversidades que todos estão sujeitos. As dificuldades em lecionar e estudar ao mesmo tempo era um grande desafio como nos relata o professor Roberval, pois em poucos meses de curso já estava lecionando. *“Eu não tinha noção do conteúdo das turmas, mas não foi difícil a relação com a turma e sim com a escola, era substituto, peguei um segundo ano de ensino médio, pois nessa época era ensinada a história do Brasil, precisei estudar para ambos”*. Na fala do professor Roberval fica evidente o receio da sala de aula sem experiência, além disso, os conteúdos da grade curricular da educação básica era diferente da universidade em relação ao ensino. Por isso ele não tinha visto o conteúdo que era para lecionar na universidade.

A dificuldade de ensinar também foi vivida pela professora Alécia Barros: *“Eu tinha 19 anos, tive de cara um ensino médio, comecei através do contrato político e a pressão era muito grande”*. Alguns professores ainda como alunos da universidade começam a lecionar, isso trouxe uma experiência precoce, acabando por ajudar a adquirir maturidade na profissão. Entretanto, outros os professores só começam a lecionar após o término do seu curso, com o intuito de total dedicação ao curso ou por falta de oportunidade no mercado de trabalho, como a professora Rilma Suely destacou:

Só dei aula no final do curso. Tive problemas entre teoria e prática, pois como era muito estudiosa na universidade, dominava os conteúdos do curso, mas percebi que havia colegas que tiveram dificuldade na prática em sala de aula, Como eu tinha cursado pedagogia, não tive problemas no domínio de sala, pois trabalhei com essa situação no curso. Para mim todo professor aprende quando começa a ensinar na sala de aula, devido à diversidade encontrada.

Este problema entre teoria e prática vivido com a professora Rilma, acontece com muitos professores que passam pela universidade mas não tem essa prática docente, mesmo com o estágio. Não sabem lidar com os alunos, as adversidades que acontecem durante a aula. Essa prática só inicia de fato quando começam a lecionar ao concluir o curso.

Mesmo com o curso concluído, a prática na sala de aula trouxe maturidade para a prática docente, proporcionando no convívio com os alunos a melhor forma de planejar aula ou trabalhos. Na sala de aula esses professores mostram que as condições financeiras estavam a desejar, sofriam com a falta de material didático, tendo que improvisar durante as aulas, negociando diretamente com os pais como relata a professora Rilma:

Tínhamos que criar apostilas para os alunos estudarem. Eu negociava diretamente com as editoras para comprar livros e as mães contribuía com o ensino, não existam problemas na relação com o aluno. A maior dificuldade são as condições financeiras, a falta de material didático, a formação continuada, turmas numerosas.

A falta de material didático era comum, então a professora Rilma conseguiu unir os pais de seus alunos para comprar esse material a fim de trabalhar com uma qualidade de ensino. A professora Penha Fidélis, por sua vez, também demonstra a preocupação com o material didático: *“tive dificuldade no início, pois os alunos não tinham livros e tínhamos que improvisar tudo devido à falta de material didático”*. É notável as dificuldades que esses professores enfrentavam no município de Remígio, pois, sua vontade em ensinar supera a falta de recursos disponíveis.

A relação dos professores com a nova legislação e tecnologia da Educação.

Esses professores começam a compreender as novas mudanças que a lei oferece a partir da implantação da lei de diretrizes e bases (LDB), em 1996, o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) entre 1997 e 1998, O projeto político pedagógico (PPP) e o Programa Nacional de tecnologia e Educação (PROINFO) . Os docentes não possuíam uma formação continuada a respeito das leis que estavam em vigor durante sua carreira docente. Além disso, projetos que poderiam ser promissores, estavam com muitos erros de adequação ao ambiente. Enquanto tínhamos um aluno que estava com a tecnologia nas mãos, tínhamos professores que dependiam da ajuda de outros para coseguir acompanhar essa inovação.

O ensino de história teve algumas mudanças com a LDB, como afirma a professora Rilma: *“No ensino de história não teve grande impacto, como é uma lei nacional, somente no artigo 26, na qual relata sobre o ensino da matriz africana e indígena, isso ficava no papel, pois não fomos preparados para trabalhar a matriz africana e indígena”*. Mesmo assim, os professores não tinham recebido alguma capacitação, e não haviam estudado na

universidade, portanto, era um desafio a cumprir dentro dessa grade curricular. Essa mudança na (LDB) ocorre no ano de 2003, a professora Rilma já em 2004 enfrenta essas dificuldades.

A lei de diretrizes e base da educação trouxe o projeto político pedagógico (PPP), que é importante para o estabelecimento de ensino devido à coletividade de sua construção, onde a comunidade, os pais, professores e alunos participam com o objetivo de ampliar a qualidade dentro do ambiente escolar e abrir as portas para a visão daqueles diretamente envolvidos nesse projeto.

A professora Rilma analisa a importância do (PPP) diretamente para o aluno, *“O aluno tem que ter uma identidade local, essa proposta ajuda a diversidade da escola com a comunidade”*. Outro ponto bastante discutido é a história local, que perdeu seu espaço. O professor Roberval analisa esse aspecto: *“a influência da lei na disciplina de História com essa uniformidade no ensino, deixando de lado a história local. Dificultava a relação com o aluno, pois não aceitavam a Xerox para ser trabalhada por causa do livro que tinham nas mãos”*. As maiores dificuldades percebidas pelos professores é a falta da identidade local na lei de diretrizes e base da educação. A história local, do município de Remígio era praticamente abandonada, pois os alunos tinham nas mãos o livro didático e isso era o suficiente. Para conseguir ir além desse material, os professores tiravam Xerox, para trabalhar a história do município, pois tinha a emancipação política e as escolas municipais trabalham essa data com apresentações e desfiles, retratando a história do município.

A professora Alécia revela que estudou a lei na universidade, entretanto, quando começou a lecionar teve que rever a lei para não descumprir algo que possa a prejudicar.

Tive que observar a lei onde mesmo com formação na universidade, acabei a observando para não existir nenhum tipo de atrito com o aluno, até por que essa lei teve um olhar mais para o aluno que o professor. Alguns artigos são uma espécie de barreira que causou certo medo. Procurava com colegas mais experientes para saber como lidar com os alunos.

A professora Alécia nos mostra o medo em relação aos alunos saberem de seus direitos, demonstrarem insatisfação com o ensino do professor. Saber que não podem ser retirados da escola por causa da idade. Isso reflete no ensino da sala de aula, pois, um professor sem autonomia em sala de aula acaba perdendo força para um aluno sem receio de faltar com respeito.

Os PCN's foram implantados entre os anos de 1997 e 1998, não tiveram grande impacto na prática escolar, pois sua formação foi irregular, apesar de existir a formação nos municípios, o Estado não ofereceu de forma satisfatória um curso em que os docentes

pudessem tirar dúvidas ou contribuir com sua experiência da sala de aula. Alguns professores fizeram parte da formação como, por exemplo, a professora Rilma, onde analisa essa inovação, *“Como na época eu era coordenadora e orientadora do município de Remígio acabou sendo formadora dos PCN’s. No início era chamado de parâmetros em ação, acabei participando da comissão do MEC para a elaboração.”*

Mesmo com a elaboração, alguns professores não acompanharam essa inovação na educação. Achava importante, mas não passava da teoria, pois muitos não sabiam seu significado como relata a professora Rilma, *“O Estado não tinha essa formação. Como eu era professora do Estado, observava que muitos colegas não sabia o significado, assim eu mesma acabei realizando a formação de maneira informal. Após alguns anos o Estado faz a elaboração do currículo estadual, participei também da elaboração do mesmo.”* A dificuldade encontrada em dar essa formação continuada para esses professores mostra a fragilidade do ensino público.

Outros professores como Alécia revela uma surpresa desagradável, pois não tinha como atingir todos os itens dos PCN’s na sala de aula. *“Tivemos a formação com a professora Rilma, que dispensa comentários, uma das minhas inspirações para o curso de história. Era um mundo de fantasia que na pratica não tinha como ser realizada.”* Um mundo de fantasia por que não tinha como ser feito, a professora faz essa ironia, para deixar claro um programa que não estava de acordo com a realidade das escolas que ela ensinava.

A professora ainda destaca que tinha que fugir do ensino tradicional, visto que já era algo que a mesma fazia. Além disso, era justamente o que era pedido nos PCN’s, tornar a aula de história interessante para que o aluno tenha a curiosidade de participar. Mesmo tendo essas dificuldades na prática a professora Penha analisa positivamente os PCN’s, *“Gostei bastante do trabalho com metas e estratégias, pois sempre participei de alguns encontros, onde foi uma referência para a transformação de objetivos, conteúdos e didática.”*

O professor Roberval, mesmo estando afastado da atividade e não participando dessa formação, demonstra insatisfação com a LDB em alguns aspectos e também ao projeto político pedagógico (PPP):

Trabalhamos a educação popular e isso não é visto na LDB. Tenho uma crítica quanto ao (PPP) projeto político pedagógico, por que são na verdade um copia e cola, acredito que são um norte para a educação, trabalhando com a história da LDB e com os PCN’s, se não tivermos um (PPP), não temos uma escola. (Roberval).

A crítica que esse professor se refere é visível em muitas escolas, esse projeto deveria ser mais explorado e seguido. As escolas necessitam de uma administração escolar

que possa trabalhar o PPP, não excluindo nenhum membro, visto que cada um tem seu papel dentro do ambiente escolar. Quando o professor Roberval fala que sem um PPP, não tem uma escola, significa que o PPP, é o coração dessa escola, possui toda a base e estrutura para alcançar objetivos a longo ou curto prazo, mantendo a política de inclusão da comunidade ou do município dentro do ambiente escolar.

Mesmo com as mudanças oferecidas pela tecnologia, os professores sofreram com a falta de capacitação que oferecesse uma base para trabalhar com a internet em sala de aula, como é dito pela professora Rilma *“Não tivemos formação e sim informação de que havia esse programa para as escolas, tanto que os tablets na escola foram um programa falido, uma tecnologia comprada de forma obsoleta, pois os celulares rapidamente começaram a concorrer com os tablets”*. Isso retrata a implantação de projetos como a PROINFO (Programa Nacional de tecnologia e Educação), que procurava unir a informática dentro da sala de aula. Portanto a professora Rilma nos relata que *“Os que foram distribuídos eram de péssima qualidade, muitos tinham defeito. Não tínhamos internet, não passamos por formação, poucos professores conseguiam retirar algo de bom”*.

Os tablets na escola tinham intuito de promover essa informatização fazendo com que o aluno fosse inserido nesse mundo digital. É notória a falta de preparação do Estado, e a negligencia com o professor, que possui dificuldade em compreender essa mudança impactante. O professor Roberval admite essa dificuldade no Estado, *“O Estado deve muito, pois todos os alunos tem um celular, não estamos aproveitando essa oportunidade para a formação”*. Apesar desses problemas, alguns professores conseguem ter o domínio dessa tecnologia para que sua aula possa fluir juntamente com os alunos. A professora Alécia nos mostra algumas formas em que a tecnologia pode ser utilizada.

A rapidez, o acesso à internet. Gosto de utilizar nas minhas aulas, pois a disciplina de História oferece esse recurso para chamar a atenção do aluno. Entretanto o aluno com a chegada tecnológica não que ler um livro procura tudo pronto e acabado, por isso não aceito trabalho digitado por que o aluno terá que ler ao menos alguma linha, que irá servir para seu aprendizado. Se não tivermos cuidado até o próprio professor pode se acomodar com essa mudança. (Alécia).

Ainda destacando as tecnologias, na maioria dos avanços o aluno larga na frente. O professor chega a estacionar no seu tempo, como nos afirma de maneira clara a professora Rilma em dizer que *“O grande descompasso da escola brasileira é essa, temos um aluno digital com um professor analógico”*.

A professora Rilma nos deixa uma lição em tem relação aos alunos que ultrapassam o seu professor não através de conteúdo ou ensino, mas através do material que pode ser trabalhado em sala de aula; a internet e suas múltiplas funções. Um professor hoje em dia deve ter o domínio desses equipamentos para não sofrer dentro do ambiente escolar. Muitas vezes algo que ele diz em sala, é contrário ao que o aluno consegue ter acesso com um celular, por exemplo, deixando esse professor numa situação desagradável, por isso, tem que estar preparado para lidar com essas adversidades. Entretanto o professor que domina essa tecnologia usa a seu favor, propondo pesquisas e trabalhos com um simples celular, o qual esses alunos conseguem manipular com total facilidade.

As dificuldades entre o professor, o aluno e o sistema de ensino.

A trajetória desses professores mostra as diferentes formas pela conquista de sua profissão. A professora Rilma, nos deixa um pensamento onde o passado e o presente possuem cada uma sua particularidade. *“Não sou saudosista, cada tempo possui seu próprio contexto, inclusive sou contra esse sofrimento dos professores em dizer, “naquele tempo era assim”, o que sinto saudade é sobre o controle que os pais tinham na disciplina dos alunos, hoje temos que nos esforçar mais para isso”*. Essa forma de se esforçar deixa evidente a falta de um aluno que possa respeitar o professor, porém ela enaltece cada período. A professora Rilma argumenta que, *“o professor de hoje tem que ser melhor do que antes para ter a atenção dos alunos, possuir uma boa relação, uma linguagem contemporânea.”*

A professora Alécia que também exalta a qualidade de alunos que mostram um grande interesse pelo ensino. *“temos excelentes alunos, os quais entraram no IFPB (Instituto federal da Paraíba), sendo que a disciplina de História faz parte da seleção para o ingresso no instituto”*. O aluno de escola pública tem que se superar diante de muitos obstáculos, como revela a professora Rilma.

A escola pública recebe um público diferente, partindo do aluno que estuda, até o aluno marginalizado, onde o professor tem esse desafio na maneira de ensinar. As escolas técnicas federais que possuem um alto desempenho; vejo um relativismo, pois ali existe uma seleção de alunos. Na contra mão existem os municípios que recebem todos os alunos. Vejo se um professor é bom quando ele consegue retirar bom desempenho desse público. O nível de aprendizagem de cada um é muito diferente, partindo da realidade de vida de cada um.

Levando em consideração o comentário da professora Rilma, o professor Roberval também observa essa mesma realidade, *“vivemos em um mundo desigual, as pessoas procuram caminhos diferentes e acabam perdendo o foco no estudo”*. Com essa situação em termos atuais a professora Alécia está de acordo com os outros professores, analisando a falta de compromisso de alguns alunos: *“Quando comecei há vinte anos perceberam um interesse maior, uma galera mais comprometida, queria aprender. O que mais me chama a atenção é que esses alunos vivem o hoje sem pensar no amanhã.”*. Apesar de termos excelentes alunos, não podemos esquecer aqueles que mesmo o professor tentando o trazer para a sala de aula, o seu foco está além do ambiente escolar, muitas vezes por falta de estrutura familiar, ou então a falta de preparo do Estado em lidar com essas situações.

A professora Penha Fidélis mesmo com as tribulações que o ensino proporcionou, demonstra uma grande gratidão, *“Orgulho-me de ser professora, uma pena que não somos valorizados. Sempre me realizei como professora de história. Ser reconhecida pelos meus méritos”*. Com muita experiência em sala de aula, o professor Roberval se sente muito feliz pela sua profissão, *“Sinto-me maravilhado quando encontro um ex-aluno, tive vários alunos que conseguiram vencer na vida. Também tive alunos na qual estão na academia, onde um deles me deu aula na especialização”*.

Por sua vez a professora Alécia exalta a gratidão pelo ensino e a disciplina de história: *“Gratidão, sou apaixonada pelo curso. Uma realização pessoal. Existe uma frase que gosto muito “o maior presente do mestre é ver seu discípulo superá-lo”, quando olho para alguns ex-alunos que hoje são médicos, advogados engenheiros que passaram por mim e outros colegas”*. A professora Rilma, além da gratidão também mostra o valor de sua escolha, pois se diz completa como professora, apesar das dificuldades, seja como professora, orientadora, ou participante ativa na elaboração de projetos e leis que procuram beneficiar a educação no país.

Fiz um projeto de vida, escolhi ser professora, sou muito feliz em ser professora. Hoje sou mais experiente, acredito que sou uma profissional completa nesse sentido, até por que sou elaboradora da Base Nacional Comum Curricular faço (BNCC), então acompanhei todas as mudanças da minha carreira e nunca deixei de lecionar na educação básica, tive outras oportunidades, mas fiz essa escolha. Coordeno o currículo estadual, fui da base do MEC, trabalhei nesses setores de política pública, mas não deixei a sala de aula. Eu me realizo em sala de aula, sou uma profissional realizada, não me vejo fazendo outra coisa. Eu nasci para isso.

As trajetórias docentes requer algo maior que o próprio ensino. As influências políticas ou na própria escola trazem estudantes a cursar a licenciatura e buscar transmitir o conhecimento, trabalhando com a satisfação. A história oral proporciona a riqueza de detalhes

e as emoções vividas no olhar dos professores entrevistados. Possuímos uma história propriamente dita, a vivência que constrói a história no decorrer de anos de vida, que podem ser analisadas e debatidas com o intuito de oferecer a mudança necessária que cada professor demonstra em seus diálogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas desses docentes no município de Remígio, na Paraíba. Busca a reconstrução da trajetória desses professores, partindo de suas histórias de vida, permitindo compreender aspectos da profissão docente entre os anos de 1985 e 2018, observando a grande diferença entre a realidade que viveram e os dias atuais. Durante as entrevistas ocorreram muito momentos de emoção vivenciados pelos professores. A cada entrevista, coisas novas me eram reveladas, mas muitas lacunas também ficaram a ser preenchidas, talvez por ser fiel ao questionário. Por fim, os relatos gravados, transcritos, foram contribuindo para toda essência deste trabalho.

No que diz respeito ao exercício da profissão, observamos que lecionar nos anos de 1990 tinha uma realidade diferente, pois os alunos buscavam em maioria o ensino e tinham a família mais presente na escola. Nos anos seguintes, não somente as leis mudam, mas também o público que se trabalha, a violência e as drogas invadem as escolas, fazendo com que alunos dispostos a estudar acabem tendo dificuldade no ambiente escolar. Esses professores mostram que a profissão docente nunca foi fácil. Entretanto, existem diversos problemas na educação e no mundo atual que acabam refletindo no trabalho dos professores. A mudança de papel nas atividades escolares, a burocratização e a violência na escola aumentam o que já existe de dificuldade na educação.

A facilidade de recursos que ajudam no ensino reafirmam as saídas encontradas para manter a escola dentro do mínimo que se espera. A gratidão, é a palavra mais usada pelos entrevistados, confirmam que sua profissão foi uma escolha, na qual existe o otimismo e dedicação presente devido a luta em transmitir conhecimento da melhor forma possível. A profissão de professor não tem um curso final, existe uma formação contínua, na qual estamos aprendendo todos os dias, principalmente na sala de aula com nossos alunos.

Referências Bibliográficas

- GUSMÃO, Emery Marques. **Memórias de quem ensina História: cultura e identidade docente**. Emery Marques Gusmão. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Beltrão [et al] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história Oral**. Editora Loyola: São Paulo, 2005.
- MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História Entre saberes e práticas**. Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2012.
- NADAI, Elza. **A escola pública contemporânea: os currículos oficiais de história e o ensino temático**. Revista brasileira de História. São Paulo, v. 6, n11, p. 171, set. 1985/fev.1986. (ANPUH; Marco Zero).
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Schmidt. Maria Cainelli. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Fontes Orais

Professores entrevistados no artigo:

- Rilma Suely de Souza Melo, 54 anos, 30 anos como docente*. Entrevista realizada em 1 de abril de 2019.
- Manoel Roberval da Silva, 58 anos, 30 anos como docente*. Entrevista realizada em 28 de abril de 2019.
- Maria da Penha Fidélis, 63 anos, 41 anos de profissão*. Entrevista realizada em 30 de março de 2019.
- Alécia Silva Barros, 41 anos, 20 anos de profissão*. Entrevista realizada em 14 de abril de 2019.

Questionário para professores de História de Remígio.

Seu desejo e sua formação docente:

- 1- Por quais razões você escolheu o curso de história, e se havia interesse em estudar em alguma universidade específica?
- 2- Como foi sua experiência nessa universidade e como ela te ajudou na sua formação e qual linha de pensamento eram utilizados, como livros ou textos?
- 3- Qual era sua principal meta a ser alcançada no fim do seu curso?
- 4- Como foi a sua experiência no início da carreira, e quais problemas que surgiram?

Relação com as leis e a tecnologia da educação:

- 5- Como você conseguiu compreender as mudanças no ensino de História e o ensino em geral com a implantação da lei de diretrizes e base da educação em 1996?
- 6- E em relação aos PCN's? Como foi lidar com metas e estratégias do ensino de história sem ter tido formação com essas novas propostas curriculares?
- 7- Houve resistência por parte de algum professor de História quanto às mudanças pela LDB e PCN's?
- 8- Com o avanço tecnológico em sala de aula você teve alguma formação para conseguir compreender essa mudança?

Relação professor e aluno:

- 9- Houve mudanças em relação às turmas de início de carreira e as de hoje em dia? Você sente saudade deste período?
- 10- Acontecem muitas decepções por causa do sistema de ensino ou por parte do aluno?
- 11- Qual sentimento você descreve quanto a sua vida acadêmica e sua vida como professor? Por quê?
- 12- Sua memória escolar revela gratidão pelo ensino ou revela tristeza devido aos problemas que ocorreram com maior frequência?